

**O SISTEMA DE ESCRITA EM TERENA:
ORIGEM, ORGANIZAÇÃO E VARIANTES**

Vinícius Gonçalves dos Santos (UEMS)

viniciusgs16@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Nancy Evelyn Butler e Elizabeth (Bete) Muriel Ek Dahl (1979 e 1994) registraram a língua terena com o objetivo de instruir o aluno sobre o funcionamento da mesma e sua prática. A metodologia utilizada por elas foi da memorização, sendo dividida em duas partes: a primeira é constituída de exercícios e a segunda de anotações gramaticais. Os exercícios são divididos em quatro modelos: (i) conversação (é apresentado ao leitor/aluno frases de comunicação cotidianas, como em uma conversa de duas pessoas, a primeira inicia a interação e a segunda corresponde), (ii) frases-modelo (uma parte da oração se mantém fixa para que se perceba o ponto da oração que se foi alterado, para que seja feita a substituição de palavras, para que outras orações sejam formadas e, a partir disso, assimilar os padrões gramaticais, ampliando o conhecimento dos vocábulos), (iii) transferência (duas orações que têm inter-relações, e com uma pequena alteração na primeira se permite a formação da segunda) e (iv) responsórios (pares de frases, em que a primeira é dependente da segunda, em um esquema de pergunta e resposta, declaração e afirmação). Cada um desses exercícios têm um objetivo pedagógico para o aprendiz da língua. A partir desse material, nosso trabalho visa descrever o modelo de grafia adotado para descrever a língua terena, sua organização e as variantes na escrita.

Palavras-chave: Sistema de escrita. Escrita terena. Origem da escrita. Variantes.

1. Introdução

O terena é uma língua indígena pertencente à família aruaque, que possui 18 línguas ao todo. A maioria dos indígenas dessa etnia reside em Mato Grosso do Sul. Segundo o censo do IBGE (2010) são 28.845 terenas, sendo, aproximadamente, 20.000 falantes³⁴.

Os primeiros terenas têm sua origem às margens do rio Paraguai, na região do Chaco. Eles sempre tiveram contato com outras etnias, desde quando eram conhecidos como guanás até a Guerra do Paraguai. A língua terena era uma língua ágrafa, o primeiro registro em forma de

³⁴ <<http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>>. Acesso em 17-11-2016.

gramática veio com Nancy Evelyn Butler e Elizabeth (Bete) Muriel Ekdahl, missionárias da SIL [*Summer Institute of Linguistics*] que dedicaram sua vida à pesquisa linguística, com o foco em línguas indígenas.

Com base nas gramáticas de Nancy Evelyn Butler e Elizabeth (Bete) Muriel Ekdahl (1979) e em textos acadêmicos (OLIVEIRA, 2015), nosso trabalho busca apresentar o modelo de escrita adotado para descrever a língua terena, sua organização e as variantes encontradas na escrita. Para tal, foram analisadas as ditas gramáticas, os dados foram de lá retirados e a conferência foi realizada com falantes da língua

2. As gramáticas de Butler e Ekdahl

Nancy Evelyn Butler e Elizabeth (Bete) Muriel Ekdahl (1979a 1979b) ao organizarem a gramática da língua tinham o objetivo de instruir o estudante sobre o funcionamento da mesma e sua prática. A metodologia utilizada por elas foi da memorização, sendo dividida em duas partes: a primeira é constituída de exercícios e a segunda de anotações gramaticais. Os exercícios tinha a função pedagógica para aprendiz da língua, estes são divididos em quatro modelos: (i) conversação (é apresentado ao leitor/aluno frases de comunicação cotidianas, como em uma conversa de duas pessoas, a primeira inicia a interação e a segunda corresponde), (ii) frases-modelos (uma parte da oração se mantém fixa para que se perceba o ponto da oração em que se foi alterado, para que seja feita a substituição de palavras, afim de que outras orações sejam formadas e a partir disso assimilar os padrões gramaticais, ampliando o conhecimento dos vocábulos), (iii) transferência (duas orações que têm inter-relações, que com uma pequena alteração na primeira se permite a formação da segunda) e (iv) responsórios (pares de frases, das quais a primeira é dependente da segunda, em um esquema de pergunta e resposta, declaração e afirmação).

Abaixo seguem exemplos de exercícios da gramática de Nancy Evelyn Butler e Elizabeth (Bete) Muriel Ekdahl (1979a, p. 11):

Exemplo I – Conversação

- Únati. Tudo bem?
Únati. Tudo bem.
Na kéyeye? Como vai?
Kali yunzíkopo. Estou um pouco melhor.

Exemplo II: Transformação (terceira → segunda)

Ikoti úne? Está buscando água?

Iketi úne? Você está buscando água?

Exemplo III: Padrão gramatical I

Na yéno? Aonde você vai?

Ako yónongu. Não vou a nenhuma parte.

Substituir: Ako yónongu. **Substituir:** Não vou a nenhuma parte.

por: Miranda-ke yónom. **por:** Vou a Miranda.

Njo'ópeeti. Vou passear.

Tangike yónom. Vou no tanque.

Exemplo IV: Padrão gramatical II

Na kóyeeye yá'a? Como vai seu pai?

Ápeepo. Vai bem.

Substituir: yá'a Substituir: seu pai

por: yeno Xuâum por: a esposa de João

xe'exa Xuâum o filho de João

eno Xuâum a mãe de João

Substituir: Ápeepo. Substituir: Vai bem.

por: Kali yusíkopone. por: Esta um pouco melhor agora.

Ako kóyeeku Está bem.

Ako yuvaâti. Esta bem. / Não tem nada.

As gramáticas Nancy Evelyn Butler e Elizabeth (Bete) Muriel Ekdahl incentivam o estudante ao contato com falantes da língua, pois como afirma, “a compreensão da fala, assim como uma pronúncia adequada, resulta do contato direto com falantes” (1979a, p. 7). Assim, incentivam os aprendizes da língua a imitarem os padrões de fala e a prestarem à atenção na acentuação e no ritmo, levando sua aprendizagem para fora do espaço da sala de aula.

Quando as gramáticas das autoras apresentam exemplos de diálogos, o falante é posicionado sobre a situação em que o mesmo poderá utilizar, por exemplo, quando elas falam sobre saudações, elas especificam

o que são saudações de despedidas para situações em que a pessoa não verá a outra por muito tempo “*ihárooti*” ou “*po'ikáxe*”, embora “*ihárooti*” é utilizado, com frequência, como “*boa noite*” para pessoas vistas com frequência (1979a, p. 12).

3. Sobre a escrita em terena

Por meio da análise, notamos a preocupação de Nancy Evelyn Butler e Elizabeth (Bete) Muriel Ekdahl (1979 e 1994), e também da FUNAI, em manter a gramática o mais próximo possível do português, nas descrições fonéticas ficou estabelecido, para o alfabeto terena, somente uma letra para cada fonema, neste processo de descrição os falantes foram consultados sobre sua preferência.

A FUNAI estabelece regras para a descrição de línguas indígenas, como dito acima, a portaria de Nº 75/N, de 06/07/1972, tem como pontos principais o terceiro e o quarto. No terceiro ponto lê-se “A grafia das línguas indígenas, para textos de consumo dos grupos tribais deve ser a mais aproximada possível da grafia do português”, no quarto ponto lê-se “Deve-se adotar como norma geral, na grafia das línguas indígenas, o princípio lógico de representação de um fonema por único símbolo”. Os pontos entram em choque em alguns momentos. Abaixo apresentamos alguns exemplos.

No caso Qu/C ou K, seguindo o quarto ponto, deveria ser utilizada a letra K, nas primeiras cartilhas assim foi feito e funcionou. Na produção de um alfabeto prático, notou-se que o som representado pelo K era a consoante mais frequente. Após a publicação das primeiras cartilhas, as autoras notaram que não era comum os alunos aprenderem primeiro terena, os mesmos começavam primeiro com o português. Elas sugeriram a mudança para Qu/C, com a intenção de proximidade ao português, alguns indígenas preferiam K, da forma que já estava sendo utilizada, enquanto outros preferiam aderir a mudança. Em 1976 foi feita alteração nas cartilhas para Qu/C, assim permaneceu, em meados de 1987 e 1988, chegaram reclamações de alguns indígenas que solicitavam a alteração para K novamente. Para solução desta situação, foi convocado uma reunião, por volta de 1989, com os líderes das aldeias, ao final ficou decidido o uso de K para descrição. Como em “*câque – kâke; ituqueque – itukeke; coêcuti – koêkuti*”, a forma que prevaleceu foi a forma escrita com K. (EKDAHL & BUTLER, 2007, p. 2)

O som de R e RR em português são diferentes. O R no começo de palavras tem o mesmo som de RR, porém entre vogais, como “*morango*”, o mesmo tem outro som, desta mesma forma funciona a língua terena. A utilização em terena do R e RR, para descrição, estaria de acordo com o terceiro ponto, porém não estaria de acordo com o quarto. Desta forma é necessário R e H para descrição dos sons. Em terena, ambos os sons são utilizados em início das palavras e entre vogais. Ficou definido H para o som de aspiração “*há’a, ahá’axo, arâha*”, som equivalente a “*rato, arranhão*”. R ficou para os sons como “*morango, moradia*”, sendo assim, “*râ’a, arúxukoa, âhara*”. (EKDAHL & BUTLER, 2007, p. 2)

O som de S somente será escrito com S em terena, para que ficasse semelhante ao português. As autoras, a princípio, escreviam o som entre vogais com SS, porém entrava em conflito com o ponto 4 da FUNAI. Desta forma ficou “*sêno, sîmo, su’ûso, isôti*”. O S não terá som de Z, como temos “*defesa*” em português. Assim como o S, a consoante X segue da mesma forma, o X em terena se manterá somente com o som de “*xampu*”, na língua terena ficou “*xi’íxa, xúpu, poréxo*”. Não há exceções ou variação no fonema, como os sons de “*excepcional, exausto*”. (EKDAHL & BUTLER, 2007, p. 3)

Na língua terena, G e J tem sons únicos. A letra G terá som de “*ga*” como em “*gato, garrafa*”, desta forma ficou “*ngahá’a, ngêno, ngîri, ngîri, ongónokoa, ngúxo*”. Diferente do português, o terena não necessitará do U entre G e as vogais I e E. A letra J terá o som de “*já e ji*” como em “*granja, jiboia*”, ficará “*ânja, nje’éxa, nîxo, onjoátie ôn-ju*”, a pronúncia se manterá sem alterações. (EKDAHL & BUTLER, 2007, p. 3)

Outro caso notado foi a escolha de se grafar as letras M e N antes das consoantes B, D, G, J e Z, a combinação destas indicam pré-nasalização, estas poderiam ou não serem escritas, pois já são por natureza nasalizadas, como afirmam as autoras, as mesmas pesquisaram com os falantes qual seria a preferência dos mesmos, colocar ou não M antes de B, assim por diante. Em alguns casos, os terenas colocavam as duas letras no meio de palavras, mas não colocavam no início para marcar pré-nasalização. A forma escolhida para padronização foi colocar M e N antes destas consoantes, pois os terenas diziam que assim deveria ser, se a fala era diferente do português, a escrita também deveria. Desta forma ficou “*ombósiko, ndâki, ngónokoa, nje’éxaeônze*”. (EKDAHL & BUTLER, 2007, p. 3)

As vogais em terena são faladas da mesma forma em que são escritas, ou seja, não há variação como em português, cada letra representa somente um fonema, há pouca variação entre falantes, fazendo as vogais mais fechadas ou mais abertas. Em “*pihôti*”, a pronúncia será com I, em português algumas vogais sofrem alterações, como “*pote*”. Então, “*ihaku*” será sempre lido com U no final, “*ainovo*” será lido com “O” e “*vo’ókuke*”, da mesma forma, será lido com E (EKDAHL & BUTLER, 2007, p. 4).

A acentuação possui função gramatical muito importante na língua terena, não tem relação com vogal aberta ou fechada, diferente do português. O acento agudo (´) tem a função de destacar sílaba tônica e mostrar que a próxima consoante é alongada e tom anivelado, ficando assim “*úte, tóhe, íti*”. O acento circunflexo (^), assim como o agudo, destaca sílaba tônica, porém a vogal será prolongada, mas a pronúncia é em tom decrescente, então “*pího (piho), tâki (taaki)*”. (EKDAHL & BUTLER, 2007, p. 4)

Existem regras para o posicionamento de acentos, quando há duas vogais diferentes, uma ao lado da outra, a acentuação se dará na segunda vogal. Antes de ser formada a regra, eram escritos tanto na primeira quanto na segunda vogal, ficava a critério de quem escrevia, não fazia diferença na pronúncia por ser um ditongo, a escolha por padronizar a posição da acentuação, nesse caso, partiu dos falantes, ficando “*tiú’iti, eúko, koâti, koêkuti*”. Há exceções para essa regra, quando as duas vogais estão no final da palavra, a acentuação ficará na primeira vogal, como “*nâum, hixôe*”. Quando for um vocativo a acentuação se dará no final da palavra, assim como “*kalivonó*”. O uso de hífen em terena se dá em palavras portuguesas em frases terenas como “*Miranda-ke yéno?*”. A acentuação é essencial, pois existem palavras em terena como “*íti*” que significa “*sangue*” e “*íti*” que significa “*você*”, em que a acentuação define o significado. (EKDAHL & BUTLER, 2007, p. 5)

A gramática quando utiliza de exemplos em português, os faz no masculino em alguns casos, porém em terena não há distinção de gênero na gramática, “*há’a*” significa tanto “*pai dele*” quanto “*pai dela*”, como também “*noínjoa*” que é “*eu a vi*” e “*eu o vi*”. (EKDAHL & BUTLER, 1979a, p. 15)

4. Considerações finais

O presente artigo tem um caráter embrionário, que será desenvolvido nos próximos anos sobre outros aspectos da língua.

O trabalho de organização da língua é um trabalho difícil, além de fatores práticos de descrição, há também fatores como o estético e o cultural. Tendo em vista que a quantidade de falantes tem diminuído com o passar dos anos, registrar a língua e buscar formas de revitalização é uma tarefa em caráter de urgência. A organização da gramática pelas autoras foi uma das formas de valorização da língua, norteando o falante e introduzindo o não falante ao funcionamento da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. *Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973*. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6001.htm>. Acesso em 13-11-2016.

BUTLER, Nancy Evelyn; EKDAHL, Elizabeth (Bete) Muriel. *Aprenda terena*, vol. 1. Anápolis: SIL [*Summer Institute of Linguistics*], 1979. (Versão *on-line* com atualização da ortografia em 2012, disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/educ/AprTE-V1.pdf>>).

_____. *Aprenda terena*, vol. 2. Anápolis: SIL [*Summer Institute of Linguistics*], 1979. (Versão *on-line* de 2014, disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/educ/AprTE-V2.pdf>>).

EKDAHL, Elizabeth (Bete) Muriel; BUTLER, Nancy Evelyn. *Explicação da ortografia terena*. Sociedade Internacional de Lingüística, Brasília, DF, 2007. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/ling/TEOrtho.pdf>>. Acesso em: 28-10-2016.

OLIVEIRA, Letícia Reis. *Empréstimos linguísticos do português na língua terena*. 2015. Dissertação (de mestrado). – UEMS, Campo Grande. Disponível em:

<http://www.uems.br/assets/uploads/cursos_pos/edc4fb6d0115090bccaa9167bb1cda17/teses_dissertacoes/3_edc4fb6d0115090bccaa9167bb1cda17_2016-04-03_17-47-21.pdf>.